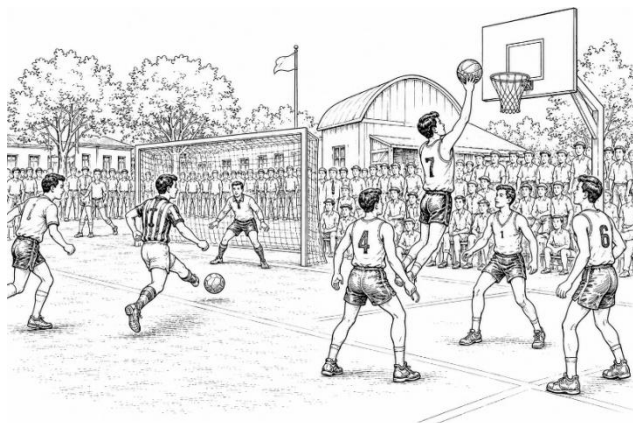


É GOL! É CESTA!



Meu estádio é o mais importante

Monstrinho, mais importante que o Paratenaico

Também tinha futebol

Caminhão, o beque do operário, anti-herói

Eu, o Monstrinho

Ganhei da oposição: 10 a 0.



Meu estádio é o mais importante

Álvaro Fernando Saraiva

É muita pretensão de um caburé do pé vermeio, da barranca do Panema, querer comparar o Estádio Paratenaico em Atenas com o nosso Monstrinho. Mas, para nós, os do pé vermeio, a comparação vale.

Os dois estádios foram construídos para um grande evento.

O estádio grego, construído em 566 AC, é considerado o primeiro estádio do mundo. Quando resolveram voltar com as Olimpíadas, foi reformado. Era todo em mármore, com estátuas de deuses e atletas. Foi a sede dos primeiros Jogos Olímpicos da era moderna, em 1896.

O Monstrinho foi construído para os IX Jogos Abertos da Sorocabana, em julho de 1958.

Quer coisa mais importante que isso?





Também tinha futebol

Agenor Rossignoli

- Lá vai Albeja com a pelota, passa por um, passa por dois, passa por três... Desarma Caminhão!!!

Nas imediações do Café Paulista, Caminhão, beque do Operário, imitava a futura irradiação do jogo com o São Paulo, que ia ser no domingo. Ele, o herói, desarmava Gustavo Albella, argentino, que o povo pronunciava "Albeja", o melhor jogador de seu tempo.

No dia do São Paulo Futebol Clube 10 x Operário 0, Albeja marcou 6 e o Caminhão nem viu a cor da bola. Sumiu da praça por mais de um mês. Só aparecia o Manivela, que tinha começado junto com o Caminhão, no time da Vila Odilon.

De futebol daquela época, só me lembro vagamente do time da Coloninha, que ficava lá perto do cemitério e que tinha craques como o Pintado, o Paulo Cuié. O Durovaca e o Adonai coveiro não jogavam.

Tinha até o Daniel, grande promessa, que foi meu colega no grupinho. Foi jogar no Noroeste de Bauru. Estava para ir para o Santos, quando, num jogo em Bauru, saiu no tapa com o Pelé.

Aí mixou a contratação pelo Santos.





Eu, o Monstrinho

Álvaro Fernando Saraiva

“Oi, gente!

“Meu nome é Estádio Municipal, mas meu apelido é Monstrinho.

“O apelido foi dado por uma gente malvada, querendo me depreciar. Mas foi um tiro no pé deles. Esse meu apelido, que pegou, é usado com muito carinho por toda gente.

“Nasci em julho de 1958. Meus criadores foram o prefeito José Maria Paschoalick, o construtor Mário Cury e os esportistas da cidade.

“Minha gestação foi tumultuada. A turma da oposição, que usava o “Diário da Sorocabana” para me atacar, não dava sossego. Quase provocou um aborto. Muito da minha vida foi decidido no Café Paulista, dos irmãos João e Júlio Zaki. O bar era apelidado de Butantã, de tanto veneno que rolava por ali. Discutiam de tudo, definiam alguns rumos que, depois, iam para a Câmara apenas para serem homologados.

“Por fim, nasci.

“Não tinha o mármore de Atenas, mas tinha piso de madeira amendoim, vinda do Mato Grosso.





“Comecei minha vida com os Jogos Abertos da Sorocabana.

“A cidade ficou minha amiga, usava a palavra Monstrinho com afeto. E fiquei amigo da cidade.

“Foi aqui que o pessoal do Teatro de Arena montou a peça Eles Não Usam Black Tie. Foi aqui que o meio-pesado Luizão fez demonstrações de boxe, um pouco antes de sua expulsão do Grêmio Recreativo, por ter cometido o grave crime de dançar com uma moça branca, o que fez a cidade ficar famosa por seu racismo. Foram aqui as primeiras FAPI.

“Aqui em volta de mim, tudo cresceu.

“Tive o orgulho de hospedar as campeãs brasileiras de basquete, com seus cinco títulos!

“Olha o placar: Monstrinho, 10 x Eles O!”

